

ENTREVISTA

LÚCIA PINHEIRO LOBATO
(UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB)

A GRAMÁTICA GERATIVA — HISTÓRIA NO BRASIL E ESTADO DA ARTE

TRAJETÓRIA PESSOAL:

1. Como foi seu início na lingüística e em que momento ocorreu sua adesão à Gramática Gerativa (GG)?

Meu início na lingüística se deu de um modo não planejado. Eu era aluna da Aliança Francesa, em Vitória, e estava terminando a graduação na Faculdade de Letras da UFES. O governo francês concedia bolsas de estudos e os pedidos eram feitos através da Aliança. Eu decidi solicitar uma bolsa para estudar literatura francesa. O meu professor de língua portuguesa na UFES, José Leão, soube da minha intenção e me sugeriu que incluísse lingüística no plano de estudos. A lingüística havia sido introduzida no currículo dos cursos de Letras do país, mas não havia professores especializados. Segundo ele, na volta da França eu teria chance de assumir essa disciplina na Universidade em Vitória. No meu começo em Nancy de fato eu estudei literatura francesa e lingüística. Depois de alguns meses percebi que mesmo em literatura o que eu estava fazendo era lingüística: o tema da minha pesquisa em literatura era “O imperfeito em Madame Bovary”. Sempre gostei de sintaxe, e então resolvi abandonar a literatura e me concentrar na lingüística. E a bolsa, que era inicialmente de 8 meses, acabou se transformando numa bolsa de 4 anos e 5 meses. Essa extensão também se deu em virtude de fatos não planejados. A minha escolha inicial de cidade não tinha sido Nancy. Tinha sido Caen, na Normandia. Eu tinha como opção qualquer cidade da França, desde que não fosse Paris, e foi por orientação do Diretor da Aliança na época que escolhi Caen. Depois de alguns dias em Caen, foi descoberto que eu não

podia ficar lá, pois não havia um centro de estudos avançados de lingüística na Universidade. Com a lista das cidades que podia escolher diante de mim, acabei me decidindo por Nancy, por ser a mais próxima de Paris. Em Nancy, tive a sorte de conhecer o Professor Bernard Pottier, que ia uma vez por mês à Faculdade de Letras. Depois de um ano de estudos gerais em Nancy na graduação, iniciei o Mestrado, tendo o Professor Pottier como orientador. Passei mais um ano em Nancy, na condição de aluna do Mestrado. O Mestrado acabou se transformando em Doutorado, e nesse ponto o Professor Pottier me disse que era impossível continuar em Nancy. Segundo ele, Paris era a única cidade da França onde se podia fazer um Doutorado em Lingüística. Na época em que cheguei a Paris, Vincennes estava com um excelente corpo docente em GG. Cheguei a ir lá uma vez, mas as aulas eram dadas às quintas-feiras, quando o Professor Pottier também dava aula. Eu não tinha escolha. Fico feliz por ter tido uma formação na linha francesa, pois isso me dá independência em relação às propostas teóricas dentro do gerativismo. Além disso, foi bom ter sido aluna do Pottier porque ele foi aluno do Guillaume e como tal sempre deu um estatuto especial ao lado cognitivo das línguas, e também porque é um convicto da distinção em planos do Hjelmslev, com separação entre forma e substância, expressão e conteúdo. É uma questão instigante procurar saber até que ponto esta distinção é verdadeira e a que corresponde na faculdade de linguagem.

Com relação ao meu início na GG, essa teoria era assunto em todos os lugares na época em que estudei em Paris. Nas aulas do Pottier também eram examinadas propostas feitas dentro da GG. Mas não segui nenhum curso regular de gerativa em Paris nessa minha primeira viagem. O meu início na teoria só foi se dar após o meu retorno ao Brasil, quando eu era professora da Faculdade de Letras da UFRJ, e ocorreu pelas mãos do Naro, que na época era gerativista. O Naro me convidou para dar um curso com ele e a Miriam Lemle por puro engano: ele achava que, como eu tinha estudado em Paris, estava familiarizada com a teoria, e, além do mais, com a teoria como era praticada pelo Ruwet, que era então professor em Vincennes. Na verdade, o próprio Naro foi o meu introdutor na teoria. Já que vocês estão interessados na história da lingüística no Brasil, vou aproveitar para acrescentar que o Naro tem tido um papel fundamental no

desenvolvimento da lingüística brasileira. Se a lingüística no Brasil é hoje o que é, isso se deve em grande parte ao papel que ele vem exercendo, tendo formado gerações de gerativistas e sociolingüistas.

Uma observação final a respeito da pergunta é que acho que nunca ‘aderi’ à GG. Acho que trabalho com as idéias fundamentais da proposta gerativista, mas com independência em relação ao aparato teórico.

2. Como você vê, historicamente, a entrada da GG na lingüística brasileira?

Como eu não estava no Brasil na época, não me considero a pessoa certa para responder a esta pergunta. Eu precisei dessa informação para escrever um parágrafo em que citava por ordem cronológica de introdução da teoria as Universidades brasileiras em que se desenvolve pesquisa em GG. Nessa época contactei várias pessoas para obter essa informação e as respostas foram muito divergentes. Muitas vezes o depoimento traduzia a experiência individual e não o fato coletivo. Gostei muito do depoimento que recebi da Eunice Pontes e do Professor Aryon Rodrigues, e talvez eles sejam as pessoas adequadas para dar essa resposta.

3. Na sua opinião, qual o estado da arte na lingüística brasileira, em especial qual o lugar da GG? A GG domina o panorama?

A meu ver, a lingüística brasileira contemporânea tem aspectos muito peculiares e interessantes. De um lado ela segue as tendências internacionais, de outro lado introduz um enfoque novo. Isso se dá tanto na sociolingüística variacionista quanto na GG. Na sociolingüística variacionista, o grupo do Naro desenvolve um trabalho como nos grandes centros internacionais. Estou me referindo ao “grupo do Naro” num sentido restrito, que inclui somente a parte variacionista da equipe. Ao mesmo tempo, estou considerando esse grupo variacionista no sentido amplo de grupo iniciado por ele. Alguns dos pesquisadores que se doutoraram com o Naro acabaram formando grupo independente. É o caso da Leda Bisol, que

atualmente lidera, e com muito sucesso, um grupo de estudos fonológicos no Rio Grande do Sul. Estou, então, incluindo nesse grupo o trabalho variacionista de pesquisadores formados nessa teoria pelo Naro, o que inclui o trabalho variacionista da Leda, por exemplo, assim como o de pessoas que ela, por sua vez, formou, como o Demerval Hora, que atualmente é professor da UFPB. A contribuição desse grupo para o conhecimento dos fatos do português contemporâneo do Brasil é impressionante. Basta ver o conhecimento que acumulou sobre a concordância no português do Brasil, sobretudo depois do trabalho da Marta Scherre a respeito. É claro, a contribuição vai muito além da concordância, incluindo também o uso de formas pronominais e verbais e de preposições, por exemplo. Estou enfatizando o trabalho sobre concordância talvez por ser o trabalho com que estou mais familiarizada. Outros trabalhos são igualmente importantes, como o da Giselle Machline Silva sobre possessivos e artigos definidos, só para citar mais um. Ao lado do trabalho do grupo do Naro você encontra o trabalho liderado pela Mary Kato, que usa a técnica variacionista como um adicional ao arcabouço gerativista. A Mary fez a proposta de uso conjunto dos dois aparatos teóricos em colaboração com o Fernando Tarallo. A obra do Tarallo tem um significado muito especial na lingüística brasileira. Além de ter demonstrado com dados empíricos e numa visão quantitativa que o português do Brasil é uma língua em mudança e ter apontado construções específicas em que a mudança se manifesta, relaciona diferentes fenômenos — relativas, sistema pronominal, perguntas, padrões sentenciais —, procurando mostrar sua inter-relação no processo de mudança. Esse trabalho abriu as portas para uma nova linha de pesquisa, sobre a mudança, liderada pela Mary. A Charlotte foi um elemento essencial nesse grupo, pois ela aprendeu inicialmente o português europeu, e acrescentou aos dados iniciais do Tarallo fatos sobre as diferenças entre o português europeu contemporâneo e o português contemporâneo do Brasil. A coletânea organizada pela Mary e o Ian Roberts, *Português Brasileiro*, documenta bem a produção desse grupo de pesquisa. Além de apresentar dois importantíssimos artigos do Tarallo, que sintetizam o seu pensamento, esse livro reúne artigos que resumem o trabalho da época dos pesquisadores ligados ao grupo. Essa linha formou pesquisadores de vulto na lingüística atual. Assisti recentemente a uma mesa-redonda na USP da qual

participaram a Sônia Cyrino e a Ilza Ribeiro e pude, mais uma vez, constatar isso. Estou citando a Sônia e a Ilza, mas poderia estar citando outros pesquisadores. Por exemplo, a Eugênia Duarte, que escreveu uma excelente tese de doutorado sobre o uso do pronome sujeito manifesto no português do Brasil. Voltando a falar da Mary, ela tem muita facilidade para o trabalho em colaboração. No momento, está dando início a um grande projeto luso-brasileiro de estudo do português. Esse é um projeto muito importante. Vai completar o conhecimento empírico a respeito dessas duas variedades da língua, sempre aliando a técnica variacionista ao enfoque gerativista. Esses dois grupos, do Naro e da Mary, trabalham com a abordagem variacionista. Ainda dentro da sociolinguística, uma outra vertente com excelente representação no Brasil, e cujo trabalho eu conheço, é a da abordagem difusionista da mudança, que tem na sua liderança o Marco Antônio de Oliveira, da UFMG e a Cecília Mollica, da UFRJ. A Stella Maris Bortoni também tem trabalhos importantes nessa linha, mas infelizmente não vem se dedicando a ela atualmente. Os resultados da pesquisa feita por essa abordagem são extremamente relevantes e acho que ainda receberão a devida atenção.

A produção desses três grupos de pesquisa deu uma configuração muito peculiar à linguística do Brasil, pois, a partir do momento em que se tem uma documentação sólida sobre o que as pessoas realmente produzem em sua língua, e o que não produzem, é possível um trabalho linguístico com uma caracterização científica perfeita. Se a linguística brasileira vier a contribuir de maneira significativa neste novo século para um entendimento mais completo da faculdade de linguagem, a base para essa contribuição terá sido construída pelos resultados de pesquisa desses grupos. Abro aqui um parêntese para esclarecer que não estou procurando apresentar um panorama completo e objetivo da linguística no Brasil atualmente. A pergunta de vocês é bem clara: “na minha opinião”, qual o estado da arte na linguística brasileira. O que estou fazendo é apresentar a *minha* visão. E na visão que tenho esses três grupos são importantes em virtude da relação, no momento, entre os seus resultados de pesquisa e os meus próprios. Por outro lado, é sempre perigoso citar nomes, por causa do risco de esquecer alguém que é igualmente importante. Além disso, há certamente trabalhos muito bons sendo feitos no Brasil e que desconheço, e que não estarei

citando simplesmente por isso. Estou deixando de lado, por exemplo, os trabalhos na linha da gramaticalização, que estão ganhando relevo no Brasil. Não posso falar a respeito dessa linha pela simples razão de não estar acompanhando seus desenvolvimentos.

Passando para a GG, aqui também encontramos mais de uma postura diante da teoria. Há uma linha que segue as tendências internacionais da pesquisa em GG e outra que procura caminhos alternativos. Naquela linha situo o trabalho da Charlotte Galves, da Mary Kato, do Milton do Nascimento, do Jairo Nunes, da Esmeralda Negrão, da Ana Lucia Müller, da Miriam Lemle e Maria Ângela Botelho Pereira, do Samuel Moreira da Silva, do Lourenço Vitral e de vocês de Santa Catarina. Acho muito interessante que a escolha da área de estudo dentro da gerativa por esses pesquisadores esteja levando a uma especialização dos centros de pesquisa em GG no Brasil. Por exemplo, há uma preferência pelo estudo de estruturas sintáticas na Unicamp, pelo estudo da semântica na USP e pelo estudo do léxico na UFRJ. Evidentemente, isso em linhas gerais, pois os estudos em gerativa nesses centros não se concentram exclusivamente nessas áreas. Todos esses lingüistas têm dado uma contribuição importante ao desenvolvimento da lingüística brasileira. A Charlotte, por exemplo, lidera uma pesquisa muito importante, sobre “Padrões rítmicos, fixação de parâmetros e mudança lingüística”, com ramificações internacionais. Assisti em Évora, agora em maio, a uma comunicação da Sônia Frota e da Marina Vigário, duas fonólogas portuguesas que integram o projeto da Charlotte, sobre os resultados do estudo comparativo que fizeram entre as propriedades prosódicas do português europeu e do português do Brasil. Elas concluem que os padrões entoacionais do português europeu o colocam junto com as línguas germânicas, enquanto os do português do Brasil o colocam ao lado de línguas como o chinês e o coreano. A Esmeralda Negrão também tem um papel crucial na evolução do pensamento lingüístico no Brasil. Ela conseguiu montar um excelente curso na USP, com a ajuda do Franchi e da Ana Lúcia Müller. Vocês em Santa Catarina estão formando um grupo novo e muito forte teoricamente. Vocês são o grupo com ligação européia, o que se vê quando se pensa no doutorado da Cristina Figueiredo na Universidade de Genebra e no pós-doutorado do Carlos Mioto na Itália.

Estão percorrendo um caminho próprio, com questionamento das diferentes posições teóricas vigentes e procura de explicações para fatos semântico-sintáticos levantados na década de 70. Estou dizendo isso com base no que vem fazendo o Miotto a respeito das construções com sintagma Qu- e a Cristina Figueiredo Silva e a Roberta Pires, a respeito da questão da factividade.

Quanto à linha que considero independente, coloco aí o trabalho do Carlos Franchi e o meu próprio. O Carlos Franchi está desenvolvendo uma teoria da predicação e, junto com Márcia Caçado, procura determinar os traços abstratos que levam à interpretação semântica dos papéis temáticos. Essa análise se baseia num conjunto de verbos bem significativo e podemos esperar que nos leve a um maior conhecimento dos fatos examinados. Quanto ao meu trabalho, no momento estou procurando captar a intuição do estruturalismo, que considero uma das grandes intuições do século XX, de a língua ser forma e não substância e defender a idéia de haver isomorfismo entre conteúdo e expressão dentro da faculdade de linguagem, uma idéia controversa e que suscitou muito debate na época do estruturalismo, mas que considero perfeitamente defensável. Nessa pesquisa, procuro também verificar a que corresponde a distinção de planos proposta pela glossemática.

Essa descrição da GG no Brasil se restringe aos grupos que estão produzindo trabalhos teóricos e se apresentam como tais. Além desses, há um outro grupo forte em GG entre nós. É o do Museu Nacional, onde estão a Yonne Leite, a Bruna Francheto, a Marília Facó, o Marcus Maia, a Márcia Dâmaso Vieira e, mais recentemente, a Luciana Storto. Há outros grupos fortes investigando línguas indígenas, tanto do ponto de vista descritivo quanto do ponto de vista teórico, mas sem uma concentração em GG, como o da UnB, onde está o Professor Aryon Rodrigues, e o da Unicamp, onde estão a Lucy Seky e o Angel Corbera, se bem que a Unicamp esteja contando recentemente com a colaboração da Filomena Sândalo, que desenvolve sua pesquisa no arcabouço teórico da GG. Importantes também são os grupos da UFGO, onde está a Marita Cavalcante, e o do Museu Goeldi, onde está o Denny Moore. Tem havido também um grande esforço da UFAL e da UFPA para formar grupo de pesquisa nessa área, com

Adair Palácio, que se aposentou na UFPE, à frente, em Alagoas, e Ana Suelly Cabral à frente no Pará. Se não estou enganada, a UFSC diminuiu o ritmo nessa área.

Além desses desenvolvimentos teóricos na sociolingüística e na GG, temos ainda os desenvolvimentos teóricos ligados à análise de texto e ao funcionalismo. Há alguns resultados na área de análise de texto que são relevantes para a compreensão da faculdade de linguagem. Por exemplo, por sugestão do Marcuschi, foi investigada dentro do grupo de estudos sobre o português falado liderado pelo Ataliba de Castilho a questão da ordem dos conectores discursivos em relação à sua interpretação semântica, com resultados interessantes. A Ingedore Koch também esteve envolvida nessa empreitada, tendo orientado uma dissertação nessa linha. Acho que é esse um dos caminhos por onde eventualmente poderemos começar a ver a conexão entre estrutura de frase e estrutura do discurso. O Marcuschi tem também se preocupado com a questão da faculdade de linguagem, do ponto de vista do seu formato, além de estar interessado em linguagem de computação. Desses seus interesses pode também surgir um trabalho muito interessante. Mas não me sinto à vontade para falar a respeito das correntes textuais e funcionalistas, porque não tenho acompanhado de perto seu desenvolvimento. Além disso, há muitas vertentes dentro do funcionalismo, e acho que mesmo no Brasil deve haver linhas funcionalistas diferentes. Tenho a impressão, por exemplo, que a Maria Helena de Moura Neves, da Unesp, tem uma linha teórica diferente da do Naro e Sebastião Votre. O grupo da Unesp, que tem a Maria Helena à frente, é o mais produtivo atualmente no Brasil dentro do funcionalismo. Esse grupo tem como característica peculiar o domínio das línguas clássicas. Seria interessante se esse lado fosse mais explorado.

Ainda há outros pesquisadores fazendo um trabalho igualmente muito relevante, mas que eu não saberia como incluir em rótulos teóricos. É o caso do Rodolfo Ilari e do Borges, na semântica, e do Faraco, na lingüística histórica. Assisti a uma mesa redonda de que participavam o Ilari, o Borges e a Ana Lucia Müller, e poderia jurar que era um trabalho dentro da perspectiva gerativa. Evidentemente, eles diriam que não era. Tratava-se de uma análise das relações de referência, e eles mostravam que essas relações não são fixadas no nível da frase. Essa conclusão confirma os

resultados de trabalhos gerativistas feitos fora do Brasil.

Paralelamente a todas essas linhas teóricas, a lingüística tem se desenvolvido muito no Brasil também no lado descritivo. Há aí três grandes vertentes: (1) de descrição da variação geográfica, (2) de descrição da língua oral em contraste com a língua escrita e (3) de descrição da variação diacrônica. A vertente de descrição da variação geográfica continua ativa, nos diferentes projetos de atlas lingüísticos, por exemplo. Não me considero a pessoa adequada para falar sobre a geografia lingüística no Brasil, por não estar acompanhando essa área de perto. Uma pessoa mais adequada seria a Marta Scherre, que tem uma visão bem detalhada da evolução da sociolingüística no Brasil. Os trabalhos de descrição da variação modalidade oral/escrita estão ilustrados nos diferentes volumes que resultaram do projeto da Gramática do Português Falado, liderado pelo Ataliba de Castilho. O Ataliba conseguiu reunir nesse projeto especialistas de diferentes linhas teóricas, o que por si só já é um grande feito, e esses volumes são de referência obrigatória. Os trabalhos de descrição diacrônica se concentram sobretudo em volta da figura da Rosa Virgínia Mattos e Silva, da UFBA. Sem dúvida a Bahia é o grande centro de lingüística histórica no Brasil, e conta agora também com a liderança da Ilza Ribeiro, a que já me referi. Além de estar produzindo um trabalho sem falha e que orgulha a todos nós no Brasil, a Rosa Virgínia tem conseguido manter ativo um excelente grupo de pesquisa sobre a história da língua portuguesa. O número 19 da revista *Estudos Lingüísticos e Literários*, da UFBA, mostra bem o nível de atividade desse grupo. É um excelente volume temático, importante tanto do ponto de vista teórico quanto do ponto de vista empírico, e sob diferentes perspectivas — da gramaticalização, da hipótese de criouliização do português no Brasil e do gerativismo, por exemplo. Fora da Bahia, uma outra pesquisadora com contribuição importante em diacronia é a Maria Antonieta Cohen, da UFMG. Mais recentemente, o Ataliba de Castilho também passou a integrar a vertente diacrônica, tendo iniciado um novo e muito importante projeto interinstitucional, de pesquisa histórica, em substituição ao projeto da Gramática do Português Falado, que foi concluído. Esse novo projeto conta com a participação do grupo da Bahia.

Quanto à GG nesse cenário, não, não acho que ela domine o panorama. A sociolingüística variacionista é muito forte no Brasil, tanto em número

de centros de estudo quanto em relação à quantidade e qualidade do trabalho desenvolvido, e talvez seja ela a dominar. Se incluíssemos a análise do discurso nesse panorama, talvez fosse essa a vertente dominante.

4. Ao menos no Brasil, parece ter havido uma crescente polarização entre as abordagens ditas funcionalistas e as formalistas. Os debates da DELTA testemunham a radicalização destas posições. Como você se posiciona frente a esta polêmica? São elas de fato abordagens irreconciliáveis?

Quanto à compatibilidade, ou não, entre as duas posições, a resposta já foi dada pelo próprio Chomsky, quando de sua visita a Brasília, e se encontra no livro da Editora Universidade de Brasília em que as palestras e discussões estão publicadas. Segundo ele as duas posições são incompatíveis em virtude de o funcionalismo não considerar as descrições lingüísticas como parte do mundo real. O que eu diria é que são incompatíveis porque um gerativista parte do pressuposto de que há uma estrutura mental inata, que é a base para a formação de estruturas nas línguas, daí ser inconcebível para ele dizer que o uso cria a forma, ou que “do uso origina-se a forma”, ao contrário do que acontece com um funcionalista. Toda a minha pesquisa é baseada nesse pressuposto, e tem o objetivo de chegar a algum esclarecimento a respeito do que seja essa estrutura mental inata. Portanto, não posso me posicionar do lado dos funcionalistas. Mas não me rotulo de “formalista”, porque acho que a intenção significativa tem um papel básico na formação de estruturas. Prefiro o rótulo de “gerativista”, se tiver de receber um. O Naro e o Votre são funcionalistas, mas, segundo eles próprios, funcionalistas *moderados*. No último artigo do debate na revista Delta a que vocês se referem (volume 8(2)) eles esclarecem que fazem uma distinção entre “estrutura estéril, meramente formal, sem utilidade comunicativa” e estrutura lingüística com motivação funcional. Nesse caso, não há incompatibilidade entre funcionalismo e gerativismo. Mas essa não é a posição funcionalista típica.

Ainda sobre o debate na revista, acho que as questões lingüísticas não ficaram suficientemente esclarecidas na época e tampouco o foram depois. O fenômeno analisado por Votre & Naro (V&N) no artigo que deu

início ao debate (Delta 5(2)), foi a inversão sujeito-verbo. O ponto crucial a ser explicado era a pouca frequência da ordem VS com verbos transitivos. Segundo V&N (p. 177) essa pouca frequência se dá por razões de “natureza comunicativa: VS tende a ocorrer em contextos de fundo, fora de cadeias tópicas; e o S, nessas construções, não é o item de que se está falando. O S em VS, em decorrência disso, tende a não ser referido anteriormente no discurso. É tipicamente não-agentivo e não individuado já que referentes com o valor positivo destas características seriam normalmente foco de atenção. É também tipicamente pouco afetado pela mesma razão.” Os autores (pp. 169-170) são bem claros a respeito de sua posição teórica: é “do uso da língua — a comunicação na situação social” — que se origina a explicação para a ordem VS.

Na sua análise, V&N constataram dois fatos: primeiro, que, apesar da pouca frequência, há registro efetivo na língua oral de ocorrências de verbos transitivos na ordem VS, e, segundo, que a ocorrência da ordem VS não é inibida somente pela presença explícita de objeto direto, mas também pela presença de expressões adverbiais de lugar “onde” ou “para onde”. Como o Milton do Nascimento tinha dito em sua tese de doutorado que os verbos transitivos não entram nessa estrutura de inversão no português do Brasil, V&N apontaram a sua própria análise como uma demonstração de que uma análise funcionalista é superior a uma análise gerativa. Do meu ponto de vista, isso não ficou demonstrado. O que ficou demonstrado, e que foi uma contribuição dos autores ao entendimento da questão, é que há, de fato, um efeito da presença de objeto direto e de expressões adverbiais de lugar “onde” ou “para onde” sobre a interpretação semântica da estrutura sintática. Considero totalmente válida a sua conclusão de que a presença do objeto direto ou da expressão adverbial tenderia “a delimitar ou direcionar a ação do verbo” (p. 179), pois haveria uma interpretação de ação sendo transferida (para o objeto ou para o lugar onde ou para onde), “produzindo alto grau de atividade”. (p. 177). Mas, a meu ver, essa conclusão é uma explicitação da interpretação semântica da estrutura sintática.

Se estou certa, só se terá uma verdadeira explicação para o efeito inibidor que aqueles elementos exercem sobre a ordem VS quando se tiver

alcançado um verdadeiro entendimento a respeito de estrutura sintática. Por exemplo, ainda é preciso explicar por que no português do Brasil quando ocorre um objeto manifesto com sujeito invertido a ordem é OVS, e nunca VOS ou VSO. Essa questão é uma questão real, pois essas duas últimas ordens existem, produtivamente, no português de Portugal. As estruturas de inversão têm sido analisadas recentemente pela Mary Kato, e ela tem afirmado essa diferença. V&N apresentaram cinco exemplos com a ordem VS e verbo transitivo. Quando esses exemplos são examinados, o que se vê é que não são argumento contrário à posição do Milton, pois em todos eles há somente um argumento depois do verbo, nunca se tendo os dois argumentos, o sujeito e o objeto, em posição pós-verbal. A situação que a hipótese do Milton elimina (uma vez que propõe que o sujeito pós-verbal ocorre na mesma posição em que ocorre o objeto pós-verbal) é a da ordem VSO ou VOS, e essas ordens efetivamente não foram ilustradas no artigo do V&N. A pesquisa variacionista da Rosane Andrade Berlinck, em que se baseia a Mary, dá essas ordens como realmente não produtivas no português do Brasil. Além do mais, a Mary observou que essa restrição de mono-argumentatividade tem reflexos também em outras línguas, como o italiano e o espanhol. Parece então que se trata efetivamente de restrição antes de tudo estrutural. A questão, então, seria explicar por que o português europeu não tem essa restrição. Mas a questão não é simples, pois, para que o fenômeno da inversão seja entendido completamente, é preciso uma análise de tipos de verbos além da distinção tradicional entre verbos transitivos e intransitivos, na direção dos desenvolvimentos recentes sobre estrutura argumental verbal. Esse entendimento pressupõe também um conhecimento dos mecanismos de passagem do léxico para a sintaxe. Isto é, como se constroem sentenças a partir da informação lexical? Talvez a diferença entre o português europeu e o português do Brasil, a respeito da inversão, possa ser explicada em função de diferenças mais básicas e abstratas, relacionadas com essa passagem do léxico para a sintaxe. Evidentemente, quando se chegar a uma tal explicação, já se terá alcançado um entendimento maior das estruturas sintáticas e sua interpretação semântica. Uma outra questão a ser explicada é a interpretação de escopo do sujeito invertido. Por exemplo, num artigo de 1999, “A restrição de monoargumentalidade da ordem VS no português do Brasil, a Mary Kato

aponta que uma frase como “Telefonou um estranho” tem foco sentencial (foco amplo), podendo ser resposta a uma pergunta como “O que aconteceu?”, o mesmo não acontecendo para “Telefonou O PEDRO” que tem foco estreito (e então pressupõe uma pergunta como “Quem telefonou?”), e está em variação com a ordem SV (O PEDRO telefonou). Essa variação também tem de ser explicada, e, além disso, lança uma outra questão: o seu relacionamento com as predições da análise funcionalista.

Enfim, há uma série de fatos ligados à inversão sujeito-verbo que precisam ser explicados, e até agora nem a abordagem funcionalista nem a abordagem gerativa conseguiu fornecer uma explicação. A meu ver uma análise explicativa terá de levar necessariamente à compreensão do efeito funcional da estrutura apontado por V&N e N&V. A diferença entre a minha postura e a do Naro e do Votre é que considero que a forma tem de ser invocada para explicar a função — na própria estrutura sintática está a informação que leva à sua interpretação semântica funcional. Se, em vez de função, como noção relacionada a uso, estivéssemos todos falando de intenção comunicativa, ou intenção semântica, estaríamos todos de acordo: é porque há uma certa intenção comunicativa que se constrói um certo tipo de estrutura que, por sua vez, tem uma certa função no discurso.

AS VÁRIAS FASES DA GG:

*5. A GG sofreu, ao longo de seus 43 anos (contando a partir da publicação de *Syntactic Structures*), pelo menos três “mudanças” internas, sendo a última delas o chamado programa minimalista (PM). Como você reagi/reage a estas mudanças, em especial a esta última?*

Acho impressionante que exista uma teoria forte como a gramática gerativa, capaz de direcionar as pesquisas de diferentes pesquisadores no mundo inteiro e sobre diferentes línguas, e, ao mesmo tempo, se alimentar dos resultados dessas pesquisas, modificando-se em função desses resultados. Pelo que estou dizendo, vocês já perceberam que a minha

visão das mudanças na teoria é extremamente positiva. Quanto ao PM, acho excelente a idéia de se perseguir um ideal minimalista, aberto em suas perspectivas. O PM para mim é isso — um direcionamento das pesquisas para propostas que captem a simplicidade do sistema. Acho que um grande perigo em gramática gerativa é se tentar seguir cegamente as propostas teóricas do Chomsky, e isso vale para o que tem sido proposto por ele recentemente dentro do PM. O próprio Chomsky não perde o lado empírico de vista, e são os fatos empíricos que o levam a propor mudanças na teoria. Por isso, acho que é preciso, antes de tudo, boas descrições de línguas. Afinal, as teorias mudam constantemente. Um dos melhores conselhos que recebi em lingüística foi do Ken Hale, que me disse, creio que em 1991: “Deixe que os dados mostrem a teoria”. O difícil é que, de qualquer modo, é preciso acompanhar a evolução da teoria. Manter um olho na teoria e outro nos dados empíricos, e conseguir fazer propostas alternativas no caso de os dados não serem explicados pela teoria, esse é o desafio.

6. Como você descreveria a reação da comunidade lingüística a estas sucessivas mudanças? Em que medida elas seriam a causa para alguns abandonarem a GG e escolherem outro caminho?

É verdade que as sucessivas mudanças levaram ao abandono da GG por muitos membros da comunidade lingüística, ou mesmo a uma rejeição, de saída. Certa vez ouvi de um grande lingüista francês que “não se pode viver correndo atrás”. Acho essa atitude muito compreensível. Mas nem todos os que abandonaram a teoria o fizeram por essa razão. Há os que o fizeram por total descrédito no seu poder explicativo. No Brasil temos o caso da Margarida Basílio, que se doutorou na Universidade do Texas, em Austin, em GG, e acabou deixando esse caminho por não encontrar no arcabouço da teoria condições efetivas de explicação dos fenômenos lexicais em que estava interessada. No caso da Margarida, acho que o retorno é possível, desde que ela passe a considerar que a mudança facilita a explicação desses fenômenos lexicais. Um outro pesquisador brasileiro formado em GG e que não a pratica mais é o Perini.

Acho que no caso dele se aplica o que falei sobre a Margarida: desde que considere que vale a pena, poderá retornar. É sabido também que muitos pesquisadores que se iniciaram na GG acabaram passando para a Sociolinguística. No Brasil, temos o exemplo do Naro, que foi um dos primeiros alunos do Departamento de Linguística e Filosofia do MIT e hoje é um dos grandes nomes da Sociolinguística Variacionista. A razão do abandono da teoria pelo Naro foi igualmente o descrédito, e não as sucessivas mudanças. Ele se considera um especialista em diacronia, e não um sociolinguísta, e, para ele, os estudos do uso linguístico (socio-) são o caminho possível para chegar a uma explicação da mudança linguística. Ele próprio me disse que abandonou a gerativa porque achava que ela nunca seria capaz de *explicar* a mudança. Ele continua pensando que “o caminho certo é o *uso no discurso* e não os padrões abstratos”.

7. Para alguns, as mudanças internas têm raiz em tensões criadas pela vontade de manter o poder heurístico da teoria e de atender ao critério de adequação explicativa. Isto é, tal como é concebida, a teoria traz embutido um germe que a compele a mudar. Qual a sua opinião sobre isto?

Acho essa descrição bem adequada. A questão toda é se chegar a uma teoria que tenha ao mesmo tempo poder descritivo e poder explicativo. A teoria muda na medida em que abandona certas hipóteses e acrescenta outras. E a mudança sempre se baseia na descrição de dados empíricos.

A respeito do desenvolvimento da teoria, só gostaria de acrescentar que há certos fatos que sempre me impressionaram. Um deles é a capacidade de manter certos problemas fechados dentro de uma gaveta, à espera de um melhor entendimento das questões, ao mesmo tempo em que se atacam outros, para os quais as respostas parecem estar mais à vista. Um outro é a intrepidez, o destemor, ao se propor hipóteses e se fazer generalizações. Esse aspecto da teoria foi muito criticado e já se fez muita piada a respeito. A crítica era de que as hipóteses e as generalizações deixavam de lado muitos dados de diferentes línguas. Mas foi essa coragem de propor hipóteses e fazer generalizações com base em certos dados

disponíveis, com o grande risco de se estar incorrendo em erro, essa coragem de se expor à crítica, que permitiu o avanço da teoria.

8. Parece que boa parte dos gerativistas europeus está adotando uma postura mais conservadora em relação ao PM do que os americanos. Por que você acha que esses gerativistas não teriam embarcado no PM? O que justifica a atitude deles?

Eu já ouvi essa observação. Mas me pergunto se se pode dizer que os americanos embarcaram no PM. Afinal, nem todas as Universidades americanas onde se pratica o gerativismo trabalham num arcabouço minimalista. Se algum estudante brasileiro quiser fazer um doutorado nos Estados Unidos numa ótica minimalista vai ter pouca escolha. Além do mais, acho que a teoria da otimidade (ou otimalidade, se se quer) ganhou muito terreno nos Estados Unidos e não a vejo como compatível com o PM. Quanto aos europeus, se é realmente verdadeiro que estejam resistindo ao PM, eu acho isso muito compreensível. Afinal, eles tiveram um papel essencial no desenvolvimento da TPP. Veja o papel do Rizzi e dos italianos em geral, por exemplo. Se há de fato uma resistência, seria como uma resistência à mudança.

9. Podemos dizer que há dois modelos de GG atualmente em competição: a LGB e o PM? Na mudança do sistema de regras para o de princípios e parâmetros, parece que o sistema de regras se mostrou totalmente inviável. Você acredita que a mudança para o PM eliminará o sistema LGB?

Sim, acredito que a mudança será radical. No entanto, há sempre algo que fica. Cada modelo contribui tanto em relação a se saber que forma a faculdade de linguagem NÃO TEM, quanto em relação ao conhecimento mais profundo dos dados empíricos. E é também o modelo que cai que contribui para o novo direcionamento da pesquisa. Dois modelos em competição? Se há competição não estou percebendo, por não estar vivendo

o dia-a-dia dos centros internacionais.

QUESTÕES INTERNAS AO MODELO:

10. Ao definir a linguagem como um fenômeno natural, a GG pode estar provocando uma ruptura entre ciências humanas e ciências naturais, colocando a linguagem nesta última categoria. Você acredita que a GG promove essa cisão? Ela é desejável?

Considero que uma das características do desenvolvimento da ciência no atual século será, exatamente, o reconhecimento da faculdade de linguagem como um fenômeno natural. E, sem dúvida, a GG terá um papel nesse reconhecimento. Mas essa mudança de perspectiva pode ser vista como uma união e não como cisão, no sentido de uma volta à perspectiva de uma ciência geral, como era a concepção de Filosofia na Antigüidade Clássica.

11. Como você vê o esforço para trazer para dentro da gramática categorias antes consideradas discursivas, como por exemplo os conceitos de tópico e foco? Isto não contribui para o que podemos chamar de proliferação (indesejável) de categorias funcionais?

Primeiramente, acho que não se trata de um esforço, mas de uma consequência natural do fato de os conceitos de tópico e foco serem, também, conceitos gramaticais. Considero que o discurso é, inevitavelmente, construído com base nos mesmos moldes da construção de sentenças. Não poderia ser diferente. Acho também que a proliferação de categorias funcionais decorre simplesmente de estarmos ainda em uma fase de entendimento incompleto do funcionamento da faculdade de linguagem. Na minha opinião um entendimento mais completo mostrará que tanto a frase quanto o discurso são construídos, de modo geral, do mesmo modo.

12. Os modelos têm setores interligados de tal modo que, se o peso de um diminui, o de outro cresce. É possível notar que, vamos dizer, à medida em que se passa a Navalha de Occam na sintaxe (no sistema computacional), a barba de Platão cresce no léxico. Você concorda com essa descrição? Ela vale para a minimalização da sintaxe proposta pelo PM? Solucionar essa tensão é possível?

Acho, antes de tudo, que pouco se conhece sobre o léxico atualmente. O mesmo se pode dizer sobre a morfologia. Estou escrevendo um artigo em que trato da questão do que é o léxico e o que é a morfologia na GG. Há uma incrível variedade de opiniões a respeito. O fato de não haver consenso, me parece sintomático: simplesmente nenhuma das propostas atuais parece estar totalmente correta. Por isso, não estou segura se a descrição que vocês apresentaram é adequada. Há uns anos atrás eu diria, sem sombra de dúvida, que é adequada. Minha dúvida agora advém da mudança que houve no meu próprio entendimento do que seja o léxico. A resposta final dependerá do que é o léxico na faculdade de linguagem.

OS CURSOS DE LETRAS E A APLICAÇÃO DA TEORIA

13. Aqueles que trabalham com abordagens formais notam que alunos oriundos de cursos de Letras resistem a elas. Como você vê essa questão? Você sente que houve alguma mudança no comportamento dos alunos em relação a abordagens formalistas ao longo desses anos?

Realmente, a maioria não se sente atraída pelas abordagens formais, e acho isso muito natural. Além de haver aí a questão da inclinação, do dom, da aptidão, há outras questões que intervêm. Uma delas, é que a lingüística formal não é hoje uma área de estudo com consenso sobre o tratamento dos diferentes fenômenos em análise. Nem mesmo os fatos descritivos a serem explicados estão perfeitamente consolidados. Daí que para o ensino ser bom, no sentido de prazeroso para ambas as partes e proveitoso para os alunos, é preciso uma escolha muito feliz até mesmo de temas. Acho que o ideal é fazer uma delimitação de temas que possa

levar a algumas respostas. Parece que os alunos querem respostas e não somente questões em aberto. É preciso também que o curso possa apresentar problemas de modo claro, com dados bem elucidativos da questão em foco e transparentes para o iniciante e com literatura em português a respeito. Alguém pode pensar que essas são tarefas fáceis para mim. Na verdade não são, e estou sempre mudando a matéria que leciono, à procura de um melhor resultado. Quanto ao aparato teórico formal, que é algo que muda muito, acho que o melhor é reduzir ao mínimo nas turmas de graduação. Uma escolha de temas bem focalizada nos dados parece a melhor opção. A escolha também depende muito da turma que se tem. Tenho notado que a reação dos alunos não é sempre a mesma diante do mesmo material de ensino.

14. A GT é fundamental para a formação do lingüista? Qual a sua importância para a formação dos professores de línguas? Em que ela pode contribuir?

Acho essencial algum conhecimento, para levar ao entendimento de língua como um órgão (ou sistema) da mente/cérebro. Para isso não é preciso muito aprofundamento, e sim alguma argumentação detalhada e específica a favor da faculdade de linguagem e um exame de alguns fatos bem escolhidos.

15. Quais as perspectivas para a GG no Brasil e no mundo?

Acho que as perspectivas para a GG, de modo geral, são excelentes, por ser a única abordagem lingüística capaz de dar respostas a respeito do formato da faculdade de linguagem, em termos específicos. A questão é que o estudo da mente vai ser, como se tem dito, um ponto central de pesquisa neste novo século, e o conhecimento da mente passa pelo conhecimento da faculdade de linguagem.

Quanto ao Brasil, é um país privilegiado para a pesquisa lingüística, por diversas razões. Uma delas é o número de línguas faladas em seu território. Uma outra é o estado de mudança do português do Brasil e a possibilidade

que se tem de estabelecer paralelo com o português europeu, que não sofreu o mesmo tipo de mudança. Uma outra ainda é o fato de a sociolingüística já ter produzido uma base de dados empíricos muito importante para a continuação da investigação. Poder contar com as descrições que já temos é algo muito importante e faz uma grande diferença. Além disso, o fato de essas descrições estarem sendo feitas em nível mais amplo, abrangendo de modo sistemático o português europeu, vai completar os dados necessários para conclusões seguras e cientificamente válidas.

Obrigado, Professora Lúcia.